

# Têxteis Indústria nacional está a ganhar espaço na defesa para aumentar exportações

**"Fazer negócios com militares em Portugal é quase impossível", assume a fileira, mas este "é um segmento em crescimento no mundo"**

Os manequins com fatos militares estão um pouco por todo o lado na Techtextil, a feira líder em têxteis técnicos a decorrer esta semana na Alemanha. O certame é "um espelho" ou "um reflexo" do "mundo em que vivemos", "os conflitos estão a multiplicar-se", e "quem quer trabalhar tem de acompanhar tendências", "antecipar a procura", assumem vários empresários da indústria têxtil nacional, rendidos à pressão da guerra.

Mas vale tudo no que respeita a negócios militares? Qualquer cliente é bom? "As empresas não são forças políticas nem os empresários são políticos. Olhamos para todos os clientes de forma aberta. No entanto, também não somos mercenários. Temos regras e princípios. Na prática, isto significa que procuramos seguir as orientações do Governo português e da União Europeia no que respeita a política externa", responde António Teixeira, administrador da Penteadora, empresa quase centenária (1930) de Unhais da Serra, integrada no grupo Paulo Oliveira desde 1989.

Com 300 trabalhadores e um volume de negócios de €18 milhões no ano passado, cresceu a dois dígitos em 2023, em contrariedade com o sector, "muito por força do regresso das encomendas depois de um período marcado pela covid, em que a procura foi dominada pelos têxteis-lar e vestuário de conforto". Para este ano, "considerando a instabilidade no mundo", o gestor não arrisca previsões e ficará "feliz se mantiver as vendas".

Certo é que o vestuário profissional e de segurança, destinado a forças policiais, bombeiros e militares, entre outras, tem vindo a crescer internamente, já vale 30% das vendas da Penteadora e tem França como maior cliente. Quanto a Portugal, no caso concreto do Exército, "a empresa já desistiu de vender os seus tecidos especiais para camuflados, tanques e pilotos de helicóptero. Nem aparecemos em concursos", assume António Teixeira.

Sem números concretos sobre as vendas para militares e forças de segurança, a indústria portuguesa de têxteis e vestuário teve quebras homologas nas exportações de 11,8% em janeiro e de 4,8% em fevereiro, o que coloca a fileira a vender €925,3 milhões ao exterior nos primeiros dois meses do ano, 8% abaixo de 2023 e 9% abaixo de 2022. É uma quebra transversal aos principais mercados,



FOTO MARGARIDA CARDOSO

**Dos fios aos tecidos e aos equipamentos, há empresas portuguesas a eleger o sector militar como alvo**

reveladora da "fase negativa que o sector e a indústria em geral atravessam em toda a Europa, à exceção do segmento militar", onde "é difícil trabalhar em Portugal, porque, na lógica das compras públicas, os contratos são feitos em função do preço, a privilegiar quem vende mais barato, sem avaliar o impacto estratégico da decisão nem o facto de estarmos a competir com regras desiguais", explica ao Expresso Mário Jorge Ma-

chado, presidente da ATP — Associação Têxtil e Vestuário de Portugal.

## Patentes à prova de mosquito

Na jovem equipa da Smart Innovation, produtora de químicos patenteados em 147 países para as empresas têxteis fazerem acabamentos da roupa, do desporto ao vestuário de criança, os militares também entraram em jogo, designadamente no que respeita aos repeleentes para mosquitos e soluções antimicrobianas que permitem reduzir as lavagens. Com uma equipa de sete pessoas em Barcelos e vendas de €1,2 milhões, a Smart Innovation exporta 80% do que faz, designadamente para clientes militares em Espanha, apostando, por exemplo, num produto sem permetrina, um ingrediente sintético substituído por uma alternativa sustentável que repele o inseto, sem o matar, explica a responsável pela área comercial, Alice Sampaio.

Um dos fatos militares mais vistosos da comitiva de 22 empresas e instituições de investigação portuguesas na Techtextil, a decorrer de 23 a 26 de abril na Messe Frankfurt, está no stand da Fibrenamics — Instituto de Investigação em Materiais Fibrósos e Compósitos, que junta universidades, empresas e municípios. Na missão de "converter ciência em produtos inovadores", Raul Figueiro, presidente deste instituto que nasceu na Universidade do Minho, assume que a investigação ligada ao sector

militar "está a ganhar peso" e já permitiu colocar coletes e capacetes à prova de bala, a par de joelheiras e cotoveleiras de proteção, no terreno de operações, na República Centro Africana e no Iraque, numa parceria com empresas lusas. "Por estranho que pareça, é mais fácil vender lá fora, até em Espanha, do que em Portugal, devido a barreiras várias colocadas pelas Forças Armadas na aquisição de novos equipamentos, mas continuamos a trabalhar no desenvolvimento de produtos", diz.

E a prova, aponta, é o fato militar com garantias de proteção química e bacteriológica que juntou Fibrenamics, Tintex, Latino Confeções e Exército no último ano e meio, agora apresentado na Alemanha: parte de fibras leves e funcionais e, ao contrário das soluções anteriores, assente numa barreira de proteção aos agentes nocivos, "consegue ser proativo, degradar os agentes nocivos e reduzir, assim, o risco", explica. O segredo, avança, está nas nanofibras, filamentos muito pequenos, à escala nano — com funcionalidades especiais —, e nos acabamentos com nanopartículas (entre 1 e 100 nanómetros). Tudo isto, garante, num sistema de construção multicamadas para no final do ciclo de vida do produto ser possível separá-las e reciclar.

MARGARIDA CARDOSO em Frankfurt  
mmcardoso@expresso.impresa.pt

O Expresso viajou a convite da Messe Frankfurt

# 22

empresas e centros de investigação participam esta semana, entre terça e sexta-feira, na feira de têxteis técnicos Techtextil, na cidade alemã de Frankfurt

# 8%

foi a quebra das exportações da indústria têxtil e do vestuário nos dois primeiros meses do ano face a 2023. A fileira vendeu ao exterior €925,3 milhões, tendo registado descidas de 11,8% em janeiro e de 4,8% em fevereiro